



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7586 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

O COLO COLETIVO DE PROFESSORAS DE BERÇÁRIO: um ato educador
 Maria das Graças Oliveira - UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
 Ines Assunção de Castro Teixeira - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

O COLO COLETIVO DE PROFESSORAS DE BERÇÁRIO: UM ATO EDUCADOR

Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove.

(Cora Coralina)

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é o recorte de uma pesquisa concluída que objetivou analisar a docência com os bebês, exercida de forma compartilhada entre professoras no espaço do berçário em uma instituição de educação infantil. O foco deste artigo será o papel do corpo das professoras no exercício de seu trabalho. A corporeidade dessas profissionais, na docência, com os bebês, tem ganhado relevância nos estudos mais recentes. O corpo delas tem sido analisado como um dos aspectos constituintes da docência no berçário[1]. Tais pesquisas têm revelado, por um lado, que as relações sociais entre as professoras e os bebês são constituídas por uma intensa corporeidade manifestada pelas atitudes de carinho e de respeito tanto no cuidado com as crianças quanto nas atividades educativas no espaço das instituições. E, por outro lado, desvelam a complexidade deste trabalho pela simultaneidade das atividades com as crianças (dar banho, trocar roupas, alimentar, brincar, conversar), muitas vezes em turmas com número excessivo de bebês. Isso demanda uma intensa mobilidade corporal delas.

O artigo focaliza a corporeidade de professoras na docência com bebês, analisando as técnicas corporais desenvolvidas por elas e pelos bebês no espaço coletivo de educação e de cuidado das crianças: a creche municipal. Nesse contexto, surgem indagações como: qual é o papel do corpo na docência com os bebês? Quais são as técnicas corporais criadas nesse trabalho docente com os bebês? Tais questões nortearão as análises apresentadas neste texto.

Argumenta-se que o corpo seja constitutivo dessa docência, e que o trabalho docente com os bebês exige que as professoras desenvolvam técnicas corporais para interagirem com as crianças nas diferentes práticas pedagógicas de cuidado e de educação no berçário. O corpo, nesse contexto, constitui-se em um educador, pois cria dinâmicas específicas, visto que a docência com as crianças tão pequenas demanda uma corporeidade intensa que varia desde uma movimentação acelerada com as crianças aos movimentos repetitivos de tirar e colocar os bebês nos berços, nas cadeiras de alimentação e nos deslocamentos pelos espaços do bloco do berçário.

Entretanto, é necessário cautela nessa análise tendo em vista que a docência com os bebês não se restringe a esses aspectos. Ela mobiliza também sensibilidade, carinho e afeto na ação de cuidar e educar nos berçários. Envolve, portanto, no mínimo dois aspectos, os instrumentais e os expressivos. (Rodrigues, 1980).

O desenho metodológico do estudo ora apresentado delineou-se por uma investigação qualitativa de cunho colaborativo, pois partiu-se do pressuposto que os(as) professores(as) podem ocupar o lugar de parceiros dos pesquisadores. Nesta pesquisa, as professoras tiveram participação na discussão dos contornos da coleta de dados, na definição do retorno dos achados da investigação para a instituição e na configuração da formação continuada e em serviço, que seria desenvolvida pela pesquisadora na instituição. Foi realizada uma oficina de materiais. Esse evento possibilitou o aumento do acervo de brinquedos e objetos e, também, para que as professoras programassem uma nova organização do espaço de forma a atender às necessidades de exploração das crianças.

A pesquisa colaborativa é definida por (FERREIRA, 2007, p. 26) como “um projeto sócio-pedagógico que busca reaproximar os pesquisadores universitários e os professores práticos, em vista de uma co-construção de “sentidos”, sem, entretanto, querer transformar esses professores em pesquisadores de acordo com os modelos acadêmicos.” E é interessante ressaltar ainda, que não houve a pretensão, por parte da pesquisadora, de impor modelos de docência e concepções aos participantes.

O estudo foi realizado no segundo semestre do ano de 2019 em uma turma de berçário de uma Creche Municipal localizada na cidade de campina Grande-PB. Participaram da investigação, quatro professoras com a idade entre vinte e cinco e cinquenta anos, casadas, três delas são mães, uma tem duas filhas adolescentes, a outra tem um filho adotivo adulto com deficiência, por isso ela tem um horário especial no trabalho, e a terceira tem uma filha de seis anos. Quanto à formação profissional, todas têm curso superior: três são Pedagogas e uma é licenciada em Letras. O período de suas experiências profissionais, com turmas de bebês, varia de seis meses a dez anos.

Os dados foram coletados, também, com base em observação e em entrevista narrativa com as professoras e com a diretora da instituição. O registro foi feito por meio de anotações no caderno de campo e de gravação em vídeo das atividades das professoras por um período de quatro meses, duas vezes por semana. A pesquisadora, nesses dias, ficava tempo integral na turma do berçário, composta por vinte e duas crianças matriculadas, das quais dezenove eram frequentes. Dessas, eram doze meninas e dez meninos que, à época da coleta de dados, mostravam-se interessadas/os pelas atividades propostas pelas professoras, eram calmas, gostavam de brincar com os brinquedos e com os objetos disponibilizados pelas docentes.

O texto está organizado em duas partes que sucedem a esta introdução; a primeira terá, como abordagem, o corpo na perspectiva sociológica nos enfoques de Mauss (1936) e Rodrigues (1980). Também será feita uma abordagem do papel do corpo na constituição da docência. Na segunda parte, o corpo docente, no trabalho com os bebês, será analisado com base na perspectiva do colo coletivo como uma singularidade dessa docência. A seguir, serão

tecidas as considerações finais.

2 CORPO, CORPO E DOCÊNCIA: discussões preliminares

O homem vive no mundo e, por meio do corpo, ele se torna visível para os outros homens. Corpos masculinos, femininos, adultos, crianças e jovens de raças, etnias e condições físicas e sociais as mais variadas convivem no cotidiano em diferentes espaços sociais e culturais. Corrobora-se a noção de que “antes de qualquer coisa, a existência é corporal.” (Breton, 2012, p.7). Ou seja, a relação do homem com o mundo se realiza pelo corpo, pela expressão de sentimentos, percepções. O autor argumenta que “do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator.” (Idem, 2012, p.7). Trata-se de uma vida coletiva permeada pelas relações sociais entre os homens na sociedade.

Nesse cenário, há inúmeras maneiras de viver e apresentar o corpo, assim como há diferentes formas para representá-lo. De tempos em tempos, a sociedade cria maneiras de perceber o corpo no esporte, na arte, na política. Vigarello (2003) define três faces da existência corporal: o princípio da eficácia, o princípio de propriedade e o princípio de identidade. A primeira face, na perspectiva do autor, refere-se aos recursos técnicos que o corpo utiliza para agir sobre os objetos, tais como, trabalhos manuais, práticas de cuidados corporais com a saúde, higiene, treinamentos corporais, entre outros. A segunda face relaciona-se à intimidade, ter, por meio do corpo, um espaço de cunho pessoal. E a terceira face é o princípio da identidade: quando o corpo manifesta a interiorização de um pertencimento que o identifica como sujeito, com expressão de prazer, de dor. Podemos perceber, com base nessa noção de Vigarello, a complexidade que envolve a compreensão do corpo que abrange desde as manifestações mais pragmáticas de sobrevivência até a constituição da individualidade necessária aos seres humanos e à expressividade, sem as quais as relações sociais estariam inviabilizadas.

O corpo traz em si as marcas da vida social, pois, “como qualquer outra realidade do mundo, o corpo humano é socialmente concebido.” (...) (Rodrigues, 1980, p.44). O autor argumenta que cada sociedade define o perfil ético, moral e estético que o homem deve apresentar. Cabe à educação, a formação de transmitir esses valores às crianças. Na perspectiva desse autor, “é a sociedade em sua globalidade e cada fragmento social em particular que decidem o ideal intelectual, afetivo, moral ou físico que a educação deve inculcar nos indivíduos a socializar.” (RODRIGUES, 1980, p.45). A vida social, nesse sentido, influencia sobremaneira o corpo humano nos modos de ser, de estar e de viver.

A abordagem da temática do corpo pode induzir a pensá-lo no contexto das profissões, especialmente interessa, neste texto, o corpo da docente [\[2\]](#). Estas mulheres, mães, negras e brancas que trabalham na educação infantil vivem e usam seus corpos no exercício da profissão, como todos(as) os(as) trabalhadores(as). Parte-se do pressuposto de que, conforme a profissão, os corpos têm demandas peculiares ao ofício. Na docência, quais são as experiências corporais dessas mulheres? A esse respeito, Teixeira (1996, 2007) afirma que a corporeidade é a primeira dimensão constitutiva delas. No exercício da docência, essas mulheres, por meio do corpo, terão experiências que envolverão gestos, emoções, alegrias, afetos nas relações estabelecidas com as crianças, com as outras professoras, com as famílias e com a comunidade escolar de modo geral. Em especial, as professoras dos bebês têm uma demanda corporal acentuada no exercício de seu trabalho.

3 A DOCÊNCIA COMPARTILHADA COM BEBÊS: um “trabalho corpo a corpo”

Quem são, afinal, esses atores sociais da vida coletiva nos berçários? Trata-se de sujeitos socioculturais mães, professoras, meninos e meninas cujo encontro se dá por meio do corpo. Eles têm diferentes histórias de vida, cultura, pertencimento de raça, etnia e classe social. Estão unidos na tarefa de cuidar e educar as crianças. As professoras apresentam singularidades que envolvem a relação delas com as crianças, o vínculo contratual com a instituição de educação infantil e as obrigações advindas da organização dessa instituição. Corroborar-se o argumento de Teixeira (2007) de que a condição primeira da docência é a relação entre professora e a criança: “um não existe sem o outro. Docentes e discentes se constituem, se criam e recriam mutuamente, numa invenção de si que é também uma invenção do outro. Numa criação de si porque há o outro, a partir do outro.” (TEIXEIRA, 2007, p. 429). Na educação infantil, há o pressuposto de que se construa uma pedagogia das relações. Argumenta-se que as professoras, que atuam nas creches e nas pré-escolas, não ministram “aula” nos mesmos moldes das profissionais dos Anos Iniciais e Finais, princípio que instaura mais uma especificidade do trabalho docente nessa modalidade de ensino.

Na cidade de Campina Grande, os berçários se organizam com três professoras em cada turma. Elas dividem a regência, fato que, ora, será denominado docência compartilhada, porque todas essas profissionais são responsáveis pela educação, pelos cuidados às crianças e pelas tarefas advindas desse ofício. Destaca-se, no trabalho das professoras, a exigência corporal desde os deslocamentos do corpo para tirar e colocar as crianças nos berços nos momentos de cuidados individuais (a divisão do trabalho delas prevê que cada professora fique responsável por sete crianças, assim, o total de crianças presentes no dia é dividido, entre elas, por três) até as interações das brincadeiras coletivas elas procuram estar juntas. O extrato do diário de campo mostra uma síntese dessa organização de trabalho:

Hoje presenciei uma cena digna de ser registrada em um quadro: as três professoras sentadas no tatame com vários bebês acolhidos em seu corpo (pernas, ombros, braços,) que naquele momento pareciam ser extensões de seus colos. Em dado momento da manhã três grupos de crianças estavam organizados. Um ao redor de cada professora. Em cada grupo desenvolvia-se uma brincadeira na qual a docente interagiu com as crianças. Faziam brincadeiras corporais, cantoria de músicas infantis de domínio público e acompanhavam os bebês na exploração de brinquedos. Pensei: mais uma vez o colo coletivo se configura como forma de acolhimento de professoras e bebês corpo-a-corpo, pois, várias crianças se aconchegavam ali buscando pele, calor humano!! Tenho tido nesses últimos anos contato próximo com professoras de bebês em pesquisas e nos estágios supervisionados. Nestas ocasiões algumas vezes presenciei em diferentes momentos do ano letivo essa relação entre as docentes e as crianças. (Extrato de diário de campo, 17 out. 2019).

O colo coletivo pode se constituir no símbolo da docência com bebês nas instituições públicas de educação infantil, mais, especificamente, nos berçários. Mostra a complexidade das relações entre as professoras e as crianças. Uma ressignificação dos acalantos, que, por algum tempo, a criança teve exclusividade no âmbito de sua casa. O aconchego corpo a corpo: bebê no colo de sua professora.

O trabalho docente com os bebês é multifacetado. Uma das facetas pode-se dizer que é esta como descreve Cora Coralina (1990) no poema da epígrafe deste artigo: “ muitas vezes

basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove.” (1984, p.15). Um corpo de mulher professora que se multiplica, se divide para acolher o outro. Essa afetividade emerge da situação da sensibilidade das professoras que “captam”, da expressão corporal dos bebês, o desejo de ser amparado por alguém em determinado momento da rotina diária no berçário.

A exigência corporal na docência com bebês, nesse contexto educativo, é muito intensa. Na turma dessas três professoras, o número de crianças contribui, significativamente, para isso, pois, mesmo que haja, entre elas, uma divisão do trabalho nos momentos de banho, trocas e alimentação dos bebês, em alguns momentos, não será possível contabilizar as ações. Elas costumam utilizar-se do revezamento entre elas após

todas as crianças terem tomado banho e tomado o café da manhã. A professora Lavínia [3] analisa o trabalho no berçário da seguinte forma:

(...) trabalhar no berçário é muito difícil também. É muito esforço físico, é muito esforço psicológico, é muito choro, muita coisa para tentar compreender todos eles para dar o nosso melhor. Não é um trabalho fácil, porque nada no berçário é fácil. Ah, pensam que não tem de trabalhar, não fazer nada, mas não é assim. Tem que fazer planejamento, a gente leva quase o dia inteiro, porque tem que pesquisar muito, pegar atividade, que seja de interação. Não é só você chegar fazer uma atividade e eles construírem, não é. Você tem que fazer com eles. Eu gosto da experiência, mas está sendo um desafio (...). (Professora Lavínia, entrevista, nov. 2019).

Depreende-se dessa análise da professora o quanto ela se sente desafiada no exercício de seu trabalho. Os três aspectos destacados por ela mostram a globalidade da mobilização corporal no trabalho: físico, o intelectual e o psicológico. Referem-se às dimensões da relação social com as crianças e com a seleção cultural a ser acessada pelos bebês na instituição.

Parte-se do pressuposto de que, nesse processo, elas estão criando técnicas corporais. Mauss (1936) argumenta que cada sociedade tem as suas técnicas, assim como as atitudes corporais. Os modos de andar, os gestos, são desenvolvidos pelos povos e estão relacionados com a sua cultura, que os cria e os modifica conforme as suas necessidades e os momentos históricos. Segundo o autor, para se compreender as técnicas do corpo, é preciso ter uma visão tríplice: do ponto de vista biológico, social e psicológico. Com base nessa noção, é possível afirmar que as professoras e as crianças nos berçários produzem técnicas corporais que se traduzem nos modos próprios de esse grupo desenvolver as suas experiências educativas.

O colo coletivo pode se configurar como uma das várias técnicas corporais criadas pelas professoras do berçário, participantes desta investigação e, talvez, daquelas que trabalham com bebês em contextos coletivos de educação. Essa peculiaridade advém da especificidade das crianças dessa faixa etária. Contudo, não se pode restringir essa dimensão às técnicas, pois, de forma concomitante, esses corpos de professora e de bebês se expressam por meio de várias linguagens e se comunicam em suas relações sociais e culturais.

Os achados desta pesquisa revelaram o colo coletivo como uma especificidade, um símbolo da docência com os bebês. Esse gesto mostra, por um lado, a sensibilidade das docentes para com as crianças e, por outro, a forma acolhedora das demandas sociais e afetivas delas ao estenderem seus corpos em espaços para que se sintam seguras, apoiadas. Uma educação corporal que sensibiliza e volta o olhar das crianças para as necessidades

sociais de convivência com o outro. Essa característica revelada, nesse grupo social, contribui para a compreensão do papel do corpo na docência com os bebês. Outros estudos, como o de Sabbag (2017) e Silva (2018), também têm mostrado a relevância do corpo nessa profissão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados desta pesquisa mostraram que o corpo constitui a docência, e que, particularmente, a docência com os bebês exige uma corporeidade intensiva das mulheres professoras que trabalham nos berçários. E, nessa dinâmica educativa, o colo coletivo surge como um modo acolhedor, carinhoso das professoras para com as crianças cujas necessidades individuais, algumas vezes, não podem esperar. Revelou ainda o quão é desafiador, para as docentes, o trabalho com os bebês, porque requer, delas, além da disposição corporal, a dimensão emocional, cognitiva e criativa para a elaboração de propostas educativas que atendam às especificidades das crianças. Sugerem, ainda, a necessidade de mais estudos sobre a temática, pois a compreensão da docência pode contribuir para que a educação dos bebês seja atendida às reais especificidades de docentes e de crianças dos berçários.

REFERÊNCIAS

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre**: meias confissões de Aninha (poesia). 2ª ed. Goiânia: UFG, 1984, p. 15.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes. 2012, 102p.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Edusp, 1936. Noção de técnica corporal. p. 211-233.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980, p. 173.

SABBAG, Samantha. “Porque a gente tem um corpo né... mas a gente só lembra do corpo quando ele dói!” **A centralidade do corpo adulto nas relações educativas na educação infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017, 248f.

SILVA, Isabel Rodrigues da. **As dinâmicas corporais na docência com bebês**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão, 2018, 172f.

TEIXEIRA, Inês A. Castro. Da condição docente: primeiras aproximações teóricas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 99, p. 426-43, maio/ago. 2007.

_____. Os professores como sujeitos sócio-culturais. In: DAYRELL, Juarez (org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

VIGARELLO, Georges. A história e os modelos do corpo. **Pro-Posições**. Revista quadrimestral da Faculdade de Educação – Unicamp. v.14, n. 2 (41), p. 21-29. 2003.

[1] Ver pesquisas de: SCHIMIT (2014); PENA (2015); SABBAG (2017); SILVA (2018) entre outros.

[2] Neste artigo, a referência será no feminino, porque participaram da pesquisa quatro mulheres.

[3] Para preservar a identidade das professoras e das crianças, os nomes utilizados, neste texto, são fictícios.